An abstract painting featuring two faces, one on the left and one on the right, both rendered in a soft, painterly style. The faces are partially obscured by large, white, triangular shapes that point towards each other. Red, wavy lines are drawn across the top and right sides of the painting, creating a sense of movement and energy. The background is a mix of dark and light tones, with some areas appearing more textured than others.

Triple F Land

Na terra do Triplo F

curadoria:
Carlos Cabral Nunes
de 6 de junho a 15 de julho



Formas e Figuração no Feminino

Aldina | Ana Maria | Ana Hatherly | Ana Silva | Armanda Passos | Cristina Troufa | Dorita Castel-Branco | Evelina Oliveira
Gracinda de Sousa | Glenda Sburelin | Hansi Staël | Isabel Braga | Isabella Carvalho | Isabel Meyrelles | Jacqueline Aronis
Joanna Concejo | Júlia Ramalho | Luísa Queirós | Lourdes de Castro | Manuela Jardim | Márcia Matonse
Maria João Franco | Maryam Al Qassimi | Marika Raake | Pilar Martin | Raquel Rocha | Reinata Sadimba
Regina Frank | Rosa Ramalho | Sónia Aniceto | Salette Mulin | Salette Tavares | Teresa Pacheco | Vieira da Silva



Capa:
Sónia Aniceto
Surveillance, 2014
Óleo s/ tela e
bordado ponto livre,
110 x98 cm
SAN001

Ana Hatherly - Neograffiti, 2001
Técnica mista sobre papel, 66x48cm | AH01

Na Terra do Triplo F

A exposição procura fazer uma inflexão sobre a noção (herdada do Estado Novo) da terra dos três F's, numa altura em que parecem ter estado de regresso com redobrado fervor - dados os acontecimentos mediáticos e mobilizadores do passado dia 13 de Maio, especialmente com a vinda do Papa Francisco a Portugal no âmbito do centenário das agora designadas Visões de Fátima.

Por outro lado, apresenta-se uma perspectiva feminina de ver o mundo na contemporaneidade mas também, resgatando-se práticas mais antigas de criação artística, procura-se colocar em evidência e equilíbrio as várias "formas e a figuração no feminino", como sub-título da exposição.

Trata-se, assim, de uma mostra coletiva que integra a obra de artistas mulheres, que se expressam artisticamente mantendo a identidade de género que as caracteriza, conjugando autoras de vários países, algumas cujas obras integram há muito o acervo da Perve Galeria, fruto de exposições realizadas há mais de uma década. Outras obras, pelo contrário, foram criadas especificamente para esta exposição, como as de Ana Maria e, noutros casos ainda, são incorporadas obras de artistas que expõem pela primeira vez na Perve Galeria, como são os casos de Sónia Aniceto e de Maryam Al Qassimi, autoras que serão objecto de mostras individuais a acontecer proximamente.



Pilar Martin - Sonho de Ícaro, 2001
Acrílico sobre tela, 150x100 cm | PM1

Os sulcos roxos do olhar

O mistério reside na fragilidade
com que o olhar nos toca
As raízes oscilam pela consciência
e um grito transparente esvoaça
entre galhos e sulcos
O mistério reside
a caminho do rosto
no beijo de lume
que acende o silêncio
— se abeira do tempo
e enche as montanhas
de andorinhas verdes
e pirilampos roxos



Conceição Baleizão, 04/05/2002

Passou mais de década e meia sobre a exposição “Sulcos roxos do olhar”, que apresentámos na Perve Galeria e foi objecto de uma (primeira) reportagem que o programa “Acontece”, do saudoso Carlos Pinto Coelho, fez sobre o trabalho de miscigenação artística e cultural que iniciávamos, experimentávamos, então na galeria.

Dessa exposição (ver em: www.pervegaleria.eu/PerveOrg/Sulcos/index.html), toda ela feita em torno de artistas-mulheres, cujo título deriva de um poema-magnífico-inédito de Conceição Baleizão feito propositadamente para a mostra, ficou uma aplicação-instalação interactiva de que gosto especialmente e acho passível de ser integrada numa qualquer história que se venha a fazer sobre este tipo de desenvolvimento artístico em Portugal, sem demérito algum.

Estávamos no ano da graça de 2002 e a internet era ainda uma miragem para muita gente mas nós, por aqui, fazíamos conteúdos complexos que exigiam um constante inventar de soluções para que pudessem ser acedidos através das ligações de muito baixa velocidade que eram a realidade da época. Essa instalação teve de ser amputada, na versão online, da componente poética interactiva, restando apenas alguns recursos multimédia na versão que ainda hoje é possível encontrar na internet (em: www.pervegaleria.eu/PerveOrg/Sulcos/inst.html). Fizemos, na altura, uma edição artística, muito pequena, dessa instalação completa em formato CD-Rom personalizado, algo que era uma espécie de entidade alienígena no espectro geral das galerias, não apenas por cá. Claro que, com o passar dos anos e com a persistente estranheza com que eram olhadas essas “invenções multimédia”, a par com o imenso trabalho e nenhum retorno que davam, fomos deixando cair a componente multimédia interactiva nas exposições que fomos apresentando, especialmente a partir de 2005.

Nessa altura ainda o nome era apresentado completo e tal como consta na placa artesanal, feita em ferro pintado, que encima ainda a entrada das instalações: Perve Galeria — Arte e Multimédia. Recordo, mais tarde, uma das últimas instalações que apresentámos, do alemão Andreas Treske, que vivia na Turquia e enviou um pacote que julgavam ser uma bomba, na alfândega e, por isso, foi um sarilho conseguir mostrá-la a tempo. Mas lá se fez e não esquecerei a presença e experimentação que dessa obra fez Cesariny. Essa terá sido das últimas vezes que apresentámos obras interactivas de forma regular mas a verdade é que continuámos a reunir material, muito dele inédito, assim como

participámos na construção de vários protótipos de instalações interativas feitos a meias com autores tão fascinantes como o grego Stelios Kourakis ou o britânico Chris Hales, que esteve connosco por diversas vezes e com quem apresentámos obras no 2º Encontro de Arte Global, no Panteão Nacional, em 2008 e, em 2009, no ciclo dedicado aos 60 anos da 1ª exposição de “Os Surrealistas” que realizámos em vários locais nacionais.

Vem isto a propósito de estarmos este ano a enfrentar um momento de transição. Não apenas nós, em particular, na galeria mas o mundo em geral. Urge refletir sobre o estado do mundo e de forma mais próxima, interessa-nos refletir sobre o estado das artes, especialmente numa altura em que parecem estar a ser conduzidas num sentido unívoco, sem contraditório. Recusamos esta história de arte que se quer fazer passar por cima dos esqueletos encontrados em armários, despídos, poderia ser uma frase de Cesariny mas é minha, saída agora de algum sítio recôndito. A verdade é que aquilo a que se quer chamar de arte contemporânea estará ainda pousando nalguma espécie de caverna platónica, tudo sombras alongando-se.

Recuperamos, pois, esse momento de 2002 para lhe dedicar novos “Sulcos roxos do olhar”, ampliando-se o conceito, através da inclusão de mais artistas e de novas geografias mas mantendo a feminilidade do gesto pictórico primordial. Nas palavras poéticas de Cruzeiro Seixas, escritas para assinalar essa mostra, continua a existir o fundamental de um legado que se quer a perpassar o tempo pois que é na dicotomia entre o negrume e a claridade evidente que pode ressurgir um qualquer assomo de infinito toque (feminino) essencial.

Carlos Cabral Nunes - *curador da exposição*

A Luz é sempre pouca.
Vive no fundo das cavernas
e é louca.

Mas nada há mais
luminoso que um corpo
reinventando todas as cores.
Que fazer com a sombra
imensa da noite ?
Não há respostas
pois a luz é sempre pouca
e apaixonada está
pelas negruras da noite.
É cedo é cedo ainda
para saber o que esconde
e nos revela a luz
pois que é louca.

Áfricas. 60 / Cruzeiro Seixas - 2002



Núcleo Surrealizante



Evelina Oliveira - Série - À flor da pele, 2011
Técnica mista sobre tela, 100 x 100cm | EVE007

Armanda Passos

Armanda Passos nasceu em 1944, no Peso da Régua. Licenciou-se em Artes Plásticas na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Expõe desde 1976. Foi professora de Tecnologia da Serigrafia no Centro de Reabilitação Vocacional da Granja, monitora de Tecnologia da Gravura na ESBAP (1977-1979) e membro do grupo “Série” Artistas Impressores. Ao longo da sua carreira, Armanda Passos tem alcançado importantes distinções, tais como o 2º Prémio do Ministério da Cultura na Exposição “Homenagem dos artistas portugueses a Almada Negreiros”, Lisboa, 1984, a Menção Honrosa no “VIII Salão de Outono - Paisagem portuguesa”, Galeria do Casino de Estoril, 1987, a Menção Honrosa no “III Prémio Dibujo Artístico J. Pérez Villamil”, Museu Municipal Bello Piñeiro, Ferrol, Corunha, 1990 e o Prix Octogone, Charleville (Mezières, França), 1997. Armanda Passos representou Portugal em vários certames internacionais, por exemplo em Heidelberg, na V Biennial of European Graphic Art (1988); na Polónia, na Exposition Internationale de la Gravure – “Intergrafia 91”, no Pawilon Wystawowy Bwa, Katowice; e, em 1992, no Centre de la Gravure et de l’Image Imprimée, La Louvière, na Bélgica. Tem participado em inúmeras exposições nacionais e internacionais e vários dos seus trabalhos integram coleções de prestigiadas instituições públicas como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação Oriente, a Fundação de Serralves, a Fundação Champalimaud, o Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado, o Ministério da Cultura, o Ministério da Justiça (Palácio da Justiça do Porto; Palácio de Ratton), o Museu da FBAUP ou a Reitoria da U.Porto e relevantes coleções privadas.

Intensa e complexa, a sua obra tem suscitado reflexões e textos produzidos não apenas por críticos da especialidade, mas também por escritores de várias sensibilidades, artistas e até historiadores. A artista vive e trabalha no Porto, na casa-atelier projetada pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira.



Sem título, 2003
Tinta da china e guache sobre papel,
30x24 cm | AP3



Sem título, circa anos 70
Tinta da china sobre papel, 28x26 cm | AP6

Cristina Troufa

Nasceu no Porto em 1974. É licenciada em Artes Plásticas, Pintura na FBAUP (1998) onde actualmente frequenta o Mestrado de Pintura.

Detentora de 4 menções honrosas, das quais destacamos a mais recente VIII Certamen Internacional de Artes Plásticas “Aires de Córdoba”, Espanha, 2010. Está representada no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal e na FADEUP - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Expõe regularmente desde 1995 em território nacional, desde Lisboa a Penafiel, e internacionalmente em Espanha, Itália e Austrália. Em 2011 fez ilustração da capa para o livro “Strawberry Fields Forever” do escritor Richard Zimler a editar em Inglaterra em 2012.

Cristina Troufa trabalha predominantemente pintura figurativa surrealista. Nos mais recentes trabalhos usa a sua própria imagem em trabalhos autobiográficos que exploram as suas vivências e crenças espirituais. A artista descreve o seu trabalho como “...algo espiritual, uma viagem entre várias vidas e diferentes tempos na mesma vida coexistindo lado a lado, através de estratégias de auto-representação que no limite, questionam o sentido da vida. (...) O tema do meu trabalho é sobre a minha vida, sobre mim e sobre as minhas crenças. Eu exploro no meu trabalho a auto-representação na procura do meu Eu interior, o meu auto-retrato.”



Mulher, 2008
Acrílico s/ tela , 80x80 cm | CRT01

Evelina Oliveira

Nasceu em Abrantes em 1961 e reside no Porto.

É artista plástica, ilustradora, pintora e professora de ilustração na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Frequentou o Curso de Desenho na ESAP, o Curso de História da Arte no Museu Soares dos Reis, assim como diversos cursos, workshops e encontros ligados à ilustração, cerâmica, pintura e litografia. Atualmente frequenta o Mestrado de Ilustração pela Universidade de Évora.

Desde que se lembra que pinta mas foi em 2003, ano em que foi convidada por Emílio Remelhe para participar como ilustradora num livro coletivo, que começou a dedicar-se à ilustração. No mesmo ano, participou na exposição “Uma casa de sonhos” na casa Museu Bissaya Barreto, e desde então nunca mais parou. Tem participado em numerosas exposições individuais e coletivas, tanto em Portugal como no estrangeiro, ilustrou cerca de 30 livros infantis e tem mais de 20 referências bibliográficas dos mesmos.

Foi 1.º Prémio “Prémio Afonso Madeira” - III Bial de Artes Plásticas da Moita (2007); prémio revelação “III Bial de Artes Plásticas da Moita”(2007) e foi distinguida com a Menção Honrosa para “Prémio Pintura de Pequeno Formato” - Alhos Vedros (2003).



Sem Título - Série - À flor da pele, 2011
Técnica mista sobre tela, 100x100 cm | EVE005

Isabel Meyrelles

Escultora e poetisa portuguesa nascida em 1929, em Matosinhos. Isabel Meyrelles mostrou cedo o seu interesse pela escultura. Aos 16 anos iniciou os estudos no Porto, mas decidiu mudar-se para Lisboa, onde veio a conhecer vários artistas nas tertúlias e nos cafés.

Tornou-se íntima de personalidades das artes, como Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e Natália Correia, assistindo ao surgimento do “Grupo Surrealista de Lisboa” e de “Os Surrealistas”. A partir de então, ficaria para sempre ligada a essa corrente artística, lançada em Portugal pelos dois grupos.

Na década de 1950, face aos tempos difíceis que se viviam em Portugal, Isabel Meyrelles sentiu necessidade de evasão e de sair do país para viver em liberdade. Fixou-se em Paris, França, o seu país de adoção, com o qual se identifica, e onde reside até hoje. Em Paris prosseguiu os estudos, desta vez não só de Escultura, na École National Supérieure des Beaux-Arts, como também de Literatura, na Sorbonne.

Em 1971 funda o “Botequim” com Natália Correia, onde, nas décadas de 1970-80 se reuniu grande parte da intelectualidade portuguesa.

Realizou inúmeras exposições em Portugal e em França. Traduziu poesia de variadíssimos autores de entre os quais se destaca Jorge Amado. A sua obra poética e literária foi publicada em português e francês: “Em Voz Baixa” (1951), “Palavras Noturnas” (1954), “O rosto deserto”(1966), “O Livro do Tigre” (1976), “O Mensageiro dos Sonhos” (2004).



Auto-retrato, 2004
Bronze dourado 3/8, 20x25x11 cm | IM31



Ponte Para Masoquistas, 2012
Terracota pintada, 19x25x11 cm | IM38



Passing Cat, 2002
Escultura em Bronze, 19,5x32,5x18 cm | IM01



Marco Quilométrico, 2012
Terracota envernizada e pintada, 19x19x18 cm | IM28

Luísa Queirós

Luísa Queirós nasceu em Lisboa, Portugal. Em 1964 concluiu o Curso Geral de Pintura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. Entre 1964 e 1977 lecionou Educação Visual em Lisboa e São Vicente (Cabo Verde).

Em 1976 iniciou, com Manuel Figueira e Bela Duarte, um dos projetos mais significativos para as artes plásticas naquele país: a Cooperativa Resistência, onde inicia a sua atividade como tecelã. Em 1978, em conjunto, foram os impulsionadores do Centro Nacional de Artesanato, sendo responsáveis por recolhas de material, técnicas e formação, ajudando à criação de um importante património cultural. Ali Luísa Queirós leciona tecelagem, tapeçaria e batik.

Desde os anos 70 tem-se distinguido como criadora de marionetes (Instituto de Meios Audiovisuais, Lisboa) e ilustradora de livros. Destaca-se, em 2002, a publicação do livro de José Saramago, “Momentos Mágicos na Ilha, Jangada de Pedra”, com catorze ilustrações da sua autoria. Realizou, a partir de 1970, várias exposições individuais e coletivas,

em Cabo Verde, Portugal, América Latina e Europa. Em 2005 expôs no 5.º aniversário da Perve Galeria em Lisboa e esteve representada pela Perve Galeria na Arte Lisboa 2005 - Feira de Arte Contemporânea de Lisboa. Em 2007 e 2008 os seus trabalhos foram também apresentados em Madrid, na Feira de Arte contemporânea ArtMadrid.

A sua obra representada em várias coleções públicas e privadas como: Embaixada de Cabo Verde em Nova Iorque, Embaixada de Portugal em Cabo Verde, Palácio da Assembleia e no Palácio da Cultura, na Praia - São Tiago. Com um painel de azulejos no Mercado do Peixe, e várias tapeçarias, no Museu do Centro Nacional de Artesanato em São Vicente, Cabo Verde. Em 1990, recebeu o Prémio da Comissão da Unesco e do Centro Nacional de Cultura Português, para banda desenhada e, em 1998, o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças. A Assembleia Geral da Associação Mindelact distinguiu a artista plástica Luísa Queirós com o Prémio de Mérito Teatral 2006. As razões desta atribuição prendem-se com o seu trabalho na componente da ilustração de cartazes, programas e logótipos teatrais. Reside em Cabo Verde desde 1975.



Colá Boi, 2004
Acrílico e colagem s/ tela, 65x65 cm | LQ004

Maryam Al Qassimi

É uma promissora artista dos Emirados Árabes Unidos. Nascida na década de 1990 em Sharjah, aí vive e desenvolve a sua prática artística.

As suas pinturas, de carácter surrealista espontâneo, têm sido exibidas em galerias de arte nos EAU e em Inglaterra.

A Xeiقة Maryam Al Qassimi é membro da família real Al Qasimi, uma das sete famílias governantes dos Emirados Árabes Unidos.

Muitos dos membros da família Al Qassimi são escritores, poetas e artistas reconhecidos não apenas na região do Golfo Pérsico mas também internacionalmente. São disso exemplo o Xeiقة Sultan Sooud Al-Qassemi, conhecido escritor e colecionador de arte e a Xeiقة Hoor Al-Qasimi,, que fundou e é presidente da mais reputada Bienal de Arte da região, a de Sharjah, entre outros.

A família Al Qasimi fez da cidade de Sharjah um verdadeiro centro cultural, e é essa a razão pela qual Sharjah foi escolhida como a capital cultural do mundo islâmico em 2014.

Mohammed Al-Sadoun
Professor na United Arab Emirates University



3 obras do Livro de Artista de Maryam Al Qassimi, E.A.U.
Sem título. 22 obras no total. 19x25cm (cada), 2016



المبى
MUBIY

Regina Frank

Artista alemã a viver em Portugal desde 2006, foi, desde 1989, uma das precursoras do discurso artístico que conjuga performance e tecnologia, integrando a Internet e instalações de software social interativo. As suas performances e instalações promovem uma reflexão sobre questões político-sociais, ligando os media digitais ao texto tradicional transformado em peças têxteis.

Desde esse ano, Regina Frank trabalhou sob o título “The Artist is Present”, publicando dois livros/catálogos sobre esse projecto artístico de longa duração. Quando esse título foi usado por Marina Abramovic, em 2010, Regina Frank focou-se em “The Art is Present” transformado, mais tarde (novembro de 2015), em “The Heart is Present”.

Regina Frank sediou a maior parte da sua vida em Berlim, intercalando sempre as suas estadias com muitas bolsas no estrangeiro, cátedras de convidados e viagens aos EUA, Japão, China, Taiwan, França, Finlândia e Espanha.

Nascida em 1965, estudou design e, mais tarde, na Universidade das Artes de Berlim, fez o mestrado com Katharina Sieverding. Como tutora, ensinou fotografia e impressão, organizando inúmeras palestras entre 1990 e 1992, entre os quais se destacam as de John Cage, Joan Jonas, Marina Abramovic, Alfredo Jaar, Antoni Muntadas, Joseph Kosuth, Dara Birnbaum, Christina Kubisch, Hans Haake, Guerilla Girls, Gretchen Faust, Ugo Dossi e Nan Goldin.

Além das séries de performances subtis e dos trabalhos fotográficos que exploram temas políticos, como a Guerra do Golfo ou a SIDA, Regina manteve intensa actividade na pintura, em Berlim.



Vertical Voyage , 1986-89

Téc. mista s/ papel, 16x24cm | RFK030_C

O projeto “The Artist Is Present” foi visto no sentido político-social como presença e capacidade de resposta da artista.

Após ter conhecido pessoalmente John Cage, em 1990, e de organizar para ele um workshop na University of Art, Regina Frank descobriu o poder e o potencial da performance, passando a integra-la no seu próprio trabalho artístico, complementarmente à pintura, que desde cedo desenvolveu. Posteriormente, viria a organizar outro workshop, desta feita para Marina Abramovic e mais tarde fez-lhe uma exposição, juntamente com os seus colegas, durante a cátedra de convidados de Marina Abramovic na University of Art, em Berlim. Ao longo desse período Regina foi convidada a participar de inúmeras apresentações em museus com as suas performances, mantendo as suas colagens, desenhos e pinturas desconhecidas até 2015.

Desde 2016, a sua obra é representada pela Perve Galeria, tendo aí realizado a primeira mostra retrospectiva, no final desse ano. Em Janeiro de 2017, a sua obra plástica foi objecto de exposição na London Art Fair.



Fotografias, 1997
15,5x15,5cm cada
RFK067

Reinata Sadimba

Reinata Sadimba nasce em 1945 na aldeia de Nemu, norte de Moçambique. Filha de agricultores, recebe a educação tradicional dos Macondes que inclui o fabrico de utensílios em barro. Apesar de os Macondes atribuírem o papel preponderante na sociedade às mulheres, em Moçambique (e também na Tanzânia), a escultura é ainda um “trabalho de homens”.

É provavelmente por esse facto que poucos levaram a sério o trabalho de Reinata no início da sua carreira. No entanto, em 1975, Reinata inicia uma transformação profunda das suas cerâmicas, tornando-se rapidamente conhecida pelas suas formas fantásticas e estranhas.

Reinata Sadimba é hoje considerada uma das mais importantes mulheres artistas de todo o continente africano.

Sadimba recebeu inúmeros prémios e distinções (Bélgica, Suíça, Portugal, Dinamarca) e as suas obras estão representadas em várias instituições, como o Museu Nacional de Moçambique ou o Museu de Etnologia de Lisboa.

O seu trabalho está presente em inúmeras coleções públicas e privadas em todo o mundo como a coleção de Arte Moderna da Culturgest, a coleção Sarenco e a coleção Lusofonias.



Sem Título, 2006
Cerâmica e grafite, 38x 31x33 cm | R036



Sem Título, 2006
Cerâmica e grafite, 32x17x15 cm | R053



Sem Título, 2006
Cerâmica e grafite, 39x20x18 cm | R102

Sónia Aniceto

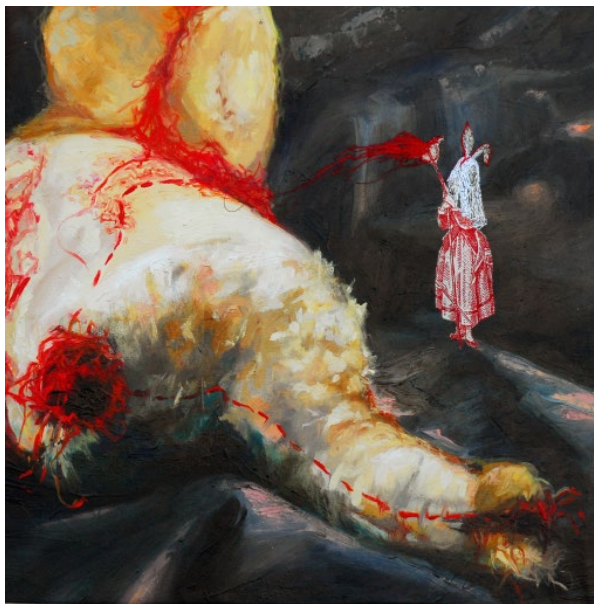
Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, beneficiou duma Bolsa Erasmus no ano 2000, para estudar na Academia de Belas Artes de Bruxelas, no atelier de Tapeçaria contemporânea. Em 2001 foi artista residente do Centro Cultural Depianofabriek. Frequentou os seminários da pós-graduação em teoria de Arte da Academia de Belas Artes de Bruxelas. De 2000 a 2006 trabalhou nos ateliers de cenografia da Ópera Real La Monnaie onde contactou com grandes nomes da cenografia internacional, sem nunca deixar de simultaneamente, preparar várias exposições em Bruxelas e Lisboa. Em 2005 obteve a Agregação oficial para exercer no ensino de artes plásticas. Frequentou o DEA interuniversitário em Arte Actual da ULB (Universidade Livre de Bruxelas). Nomeação para os Prémios Talento 2007 na categoria das Artes Visuais. Trabalha, desde 2008 para a associação Mus-e na qualidade de artista plástica realizando projectos artísticos com crianças de escolas primárias em Bruxelas. Atualmente e desde 2006, é professora de desenho e artes plásticas no Instituto Bischoffsheim (escola de artes aplicadas de Bruxelas). Na qualidade de artista plástica, desenvolve a sua carreira na Bélgica, na França, na Alemanha, em Portugal e nos EUA onde é representada por várias galerias. O seu trabalho integra coleções públicas e coleções privadas.



Les témoins # guerriseuse, 2013
Óleo sobre tecido “Vichy” bordado ponto livre
130x328 cm | SAN006



Pulsation du témoin, 2015
Oléo sobre tela, bordado ponto livre. 40 x40 cm | SAN005



Atelier # 7, 2013
 Oléo sobre tela, bordado ponto livre, Tela de "Jouy",
 40 x40 cm | SAN002



Embaixadores, 2017
 Oléo sobre tela, bordado ponto livre, 40X40 cm | SAN003



Cabra cega, 2015
Óleo sobre tecido "Vichy", bordado ponto livre, 40x40 cm | SAN004

Núcleo Abstratizante



Gracinda de Sousa - Pourquoi ne prendrai je pas, 2003
Técnica mista sobre platex, 61x61 cm | GS04

Ana Maria

Nasce em Lisboa em 1959. Em 1982 conclui o curso de Filosofia na Faculdade Letras do Porto, iniciando a sua actividade como docente. Ao mesmo tempo, começa a sua carreira artística em diversos domínios das Artes Visuais. Desde 1980 que participa em exposições coletivas nacionais e algumas no estrangeiro como: “A Itinerância da Arte Portuguesa” - Japão em 1998, estando representada em numerosas coleções particulares e instituições públicas. Foi premiada diversas vezes, nomeadamente em 2005 com o Prémio Amadeo de Souza Cardoso. Para além da actividade de pintora, organiza eventos interdisciplinares, reunindo diferentes áreas artísticas como por exemplo “Os Desenhos Vão à Escola”, no âmbito da divulgação da arte na pedagogia, e oficinas de arte. Escreve textos para catálogos e pequenas narrações que ilustra. Publicou um artigo “a palavra de artista” no nº 1 da Revista Bombart. Integrou o Júri do Prémio António Gaio no Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho - CINANIMA – 2010. Em Novembro de 2013, fez uma comunicação sobre “a mulher, a arte e a cidadania” num encontro organizado pela associação de estudo da mulher migrante - Palácio das Necessidades – Lisboa. Em junho de 2014 foi convidada a participar no encontro de psicogeriatria, como palestrante, onde abordou o tema da pintura e o envelhecimento - Coimbra. Na área do teatro, improvisação e performance gosta de trabalhar em equipa, ao nível da conceção estética, do espaço cénico, figurinos e trabalho de actor. Tem participado e organizado eventos com carácter multidisciplinar (música, pintura, vídeo), tendo sido selecionada na modalidade de vídeo no MIA – festival de Música Improvisada da Atouguia da Baleia. Recentemente organizou e participou na performance de apresentação dos Músicos de improvisação, Maresuke Contracello e Mathias Boss, Em Espinho. Tem colaborado na área da animação com a comunidade, na vertente artística com a Ipss-Semente-Chave-Arouca. Em 2016 realizou com artistas japoneses diversas performances durante um mês em Tóquio, Nagoia, Suzuka, Osaka e Kioto. Em 2016 foi convidada pelo Município de Kusadaci na Turquia, a participar no Workshop Internacional de Pintura. Em 2017 irá participar no encontro internacional de pintura a convite do professor Andrzej Tomczaki em Marianowo na Polónia.



Pictóricum mapping I, 2017
Técnica mista s/ tela, 70x30cm
ANM02

Ana Silva

Ana Silva nasceu em 1970, no Calulo, Angola.

Em 2002 vai para Portugal, onde frequentou o curso de formação artística em Desenho, Pintura e História de Arte, na ArCo, em Lisboa. Em 1999 faz a sua primeira exposição individual na Alliance Française, em Luanda. No mesmo ano dedica-se à escultura, pintura e cerâmica. As exposições em Angola vão-se repetindo ao longo dos anos, destacando-se a Exposição Coletiva de Pintura, no Banco Africano de Investimentos, em 2000, e a Exposição de Pintura e Escultura, na Embaixada de Itália em Angola, em 2001. Em Lisboa, realizou a sua primeira exposição individual “Dizer que somos pessoas”, em 2002 e, em 2003, a exposição “Seres suspensos” na Perve Galeria.

Foi ainda responsável pela elaboração de capas de livros do escritor Ondjaki, como “Bom dia camaradas” e “Há Prendizagens com o Xão”, ambos editados em Portugal pela Caminho; bem como pelo vestuário e cenografia do espetáculo de teatro e dança “Yeux bleus, Cheveux noirs”, de Margerite Duras, adaptado por Fabrizio dal Borgo, em Luanda, em 2001.

Em 2001 ganhou o 2.º lugar no Concurso de Beers, Luanda, Angola. Em 2004 participou na Feira de Arte de Lisboa, no stand da Perve Galeria, com composição feita em 8 chapas metálicas retro-iluminadas, projeto com a curadoria de Carlos Cabral Nunes, que foi considerado, pelo jornal “Público”, como a “Melhor Obra” em exposição nessa feira.

Dessa composição, 2 obras foram integradas na Coleção Lusofonias, juntando-se a outras 2 telas, de sua autoria, que haviam sido incorporadas anteriormente nessa coleção.



Cinzas, 2003.
Técnica mista sobre tela, 100x50 cm | AS21

Aldina

Maria Aldina da Costa Neves Forte (que assinará nas sua obras Aldina) nasceu nas Caldas da Rainha, em 1939 e morreu em Lisboa em 2011. Na sua cidade natal, nos começos da década de 50, sob a orientação de Hansi Stael, na Fábrica de Cerâmica Secla, inicia a sua carreira de artista plástica, como ceramista. No ano letivo de 1959/1960 matricula-se no curso de cerâmica da Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa, onde é aluna de Querubim Lapa, de quem, mais tarde, se torna colaboradora, na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego. Entretanto, pinta, desenha, transgride formas e matérias, expõe(-se): a primeira exposição (coletiva) foi no Estoril, em 1962 e, em 1963, conclui o curso de cerâmica da Escola de Artes Decorativas António Arroio. Na ESBAL, onde se matricula no curso de pintura, tem como professor de desenho Lagoa Henriques. Concluído o curso, apresenta e defende, com Querubim Lapa, em 1979, uma tese de licenciatura sobre o chamado Grupo do Café Gelo. Aldina tem um o longo percurso artístico com várias exposições individuais e coletivas e colaborações plásticas em diferentes meios impressos. Referência especial merecem as colaborações de Aldina no catálogo e exposição que acompanharam a encenação e representação do texto “Comunidade” de Luiz Pacheco (encenação de José Carretas, representação de Cândido Ferreira), no Teatro da Cornucópia e, posteriormente, no Ritz Clube, em Lisboa, junho de 1988, bem como no espetáculo “Com uma Faca nos Dentes”, com guião de Vergílio Martinho, a partir da poesia de António José Forte, pela Companhia de Teatro de Almada, em 1989, e encenação de Joaquim Benite. Aldina está representada no Museu de Arte Contemporânea e em diversas coleções particulares nacionais e estrangeiras. A Perve Galeria incluiu a sua obra na exposição coletiva Território (a)temporal, em 2010 e, também nesse ano, mostrou o seu trabalho na feira Hot Art, em Basileia, Suíça, assim como, em 2011, apresentou obras suas na Art Madrid, em Espanha.



Sem Título, 1965
Técnica mista sobre papel,
30x21 cm | ALD52

Dorita Castel-Branco

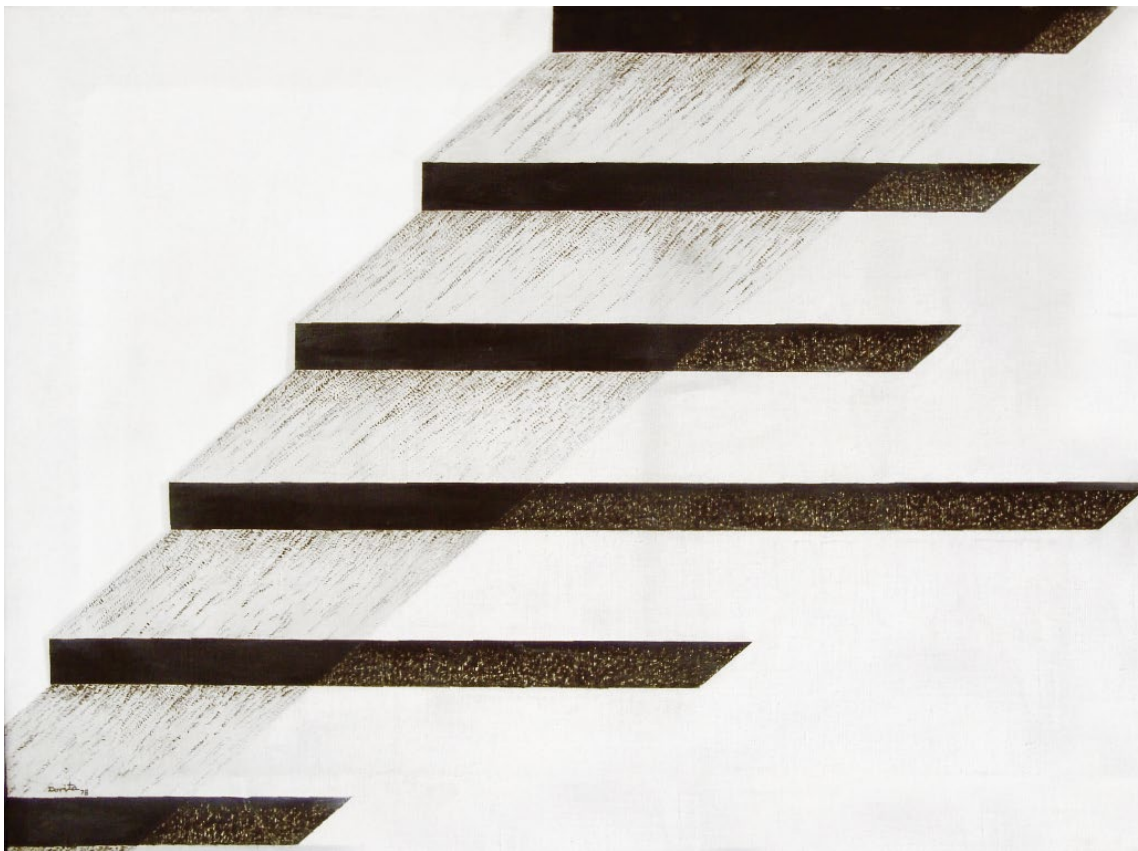
Conclui a Licenciatura na Escola de Belas-Artes em 1962 com a obra *Mulher Reclinada*. É bolsista da Fundação Calouste-Gulbenkian em 1963-64 e estuda na École Supérieure de Beaux-Arts e na Académie du Feu entre 1963 e 1965. No início dos anos 70 é-lhe atribuído o Atelier Municipal nº 3 do recém criado Centro de Artes Plásticas dos Coruchéus, no Palácio dos Coruchéus em Lisboa, deixando o pequeno atelier onde anteriormente operava. Esteve representada na Exposição Artistas Portuguesas em 1977, organizada pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa em colaboração com a Fundação Calouste-Gulbenkian que contou com uma primeira exibição em Janeiro e Fevereiro na sede da Fundação em Lisboa e uma segunda em Março e Abril no Centre Culturel Portugais, em Paris, onde apresentou a obra *Sculpture XIII*.

A sua obra está presente em espaços públicos, museus e coleções privadas, em Portugal e no estrangeiro. Só em matéria de escultura pública, contam-se 34 esculturas ou conjuntos escultóricos implantados em jardins, praças ou edifícios públicos por todo o país, no antigo território de Macau (Ilha da Taipa), no Brasil e na Venezuela. Está representada em diversas coleções, nomeadamente no Museu Nacional de Arte Moderna e Museu Antoniano de Lisboa, na Fundação Calouste-Gulbenkian de Lisboa e Paris na Biblioteca Nacional de Lisboa e no Museu Regional de Aveiro e a escultora foi distinguida com diversos prémios no decorrer da sua carreira artística, entre eles, o 1º prémio da II Bienal Internacional del Deport, Barcelona (1969) e o 1º Prémio Edinfor de Escultura (1993).

Parte da coleção da artista foi doada ao Município de Sintra Casa Museu Dorita Castel-Branco, localizada na Quinta da Regaleira, em Sintra.



Sem título, 1972
Acrílica sobre madeira,
64x62,5 cm | DC02

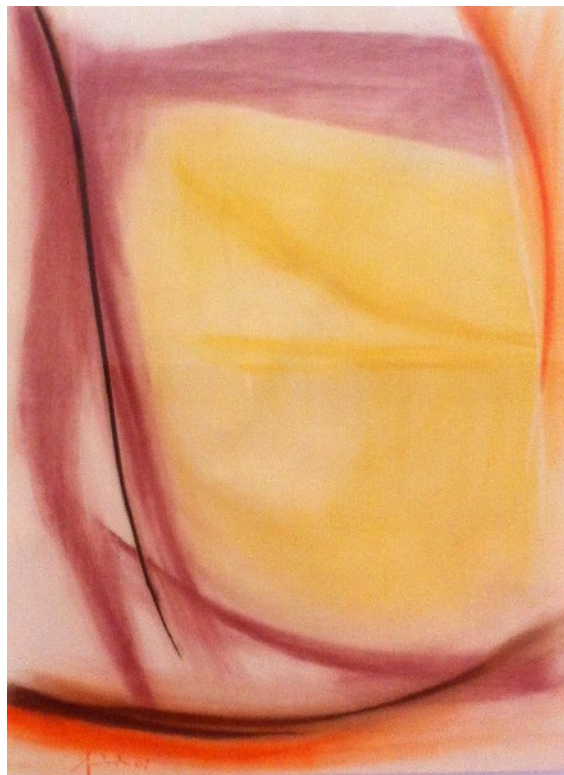


Sem título, 1978
Acrílica sobre tela, 54x73 cm | DC01

Gracinda Sousa

Nasceu em Lisboa em 1952, onde vive e trabalha. É artista plástica e médica, Imuno-hemoterapeuta, fazendo parte da Direcção do Instituto Português do Sangue e da Transplatação.

Autodidacta, utilizou inicialmente o desenho e mais tarde o pastel e técnicas mistas para retratar estados de alma e reflectir sobre questões diversas. O encorajamento que recebeu de Mário Botas, que conheceu em 1975, e mais tarde de Saldanha da Gama e de Artur Bual, constituíram contribuições fundamentais para o seu percurso artístico. Participou em dezenas de exposições colectivas e individuais, de entre as quais se destacam: em 1984, no Círculo Cultural de Setúbal; 1989, em Algés, no Palácio Anjos; 1990, em Lisboa, na Biblioteca Nacional e na mostra evocativa do 1º centenário do nascimento de Mário de Sá-Carneiro em Lisboa e no Porto, na Biblioteca Nacional, e em Paris, no Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian; de 1990 a 1993, em Tróia, nos VII a X Jogos Médicos Nacionais “O médico na arte”; 1994, em Beja, nas X Jornadas da Sociedade Médica dos Hospitais da Zona Sul (1º Prémio do Concurso de Pintura); 1997, em Lisboa, no ACMP, na II Exposição Colectiva de Pintura e Desenho; e no ACMP, na mostra conjunta com Chiotti Tavares e Artur Bual; na Biblioteca Municipal de Belém, Colectiva de Pintura de Artistas Médicos com Artur Bual; 2000, em Lisboa, na Perve Galeria, exposição Olhos do Mundo; no Estoril, ACMP, Congresso Patologia Clínica; 2001, em Leiria e Lisboa, com a Perve Galeria, nas mostras Acervo e Razões de Existir; com o ACMP, no Hospital de S. José; 2002, Lisboa, na Perve Galeria: Sulcos (Roxos) do Olhar; com o ACMP, no Museu da Carris, entre muitas outras.



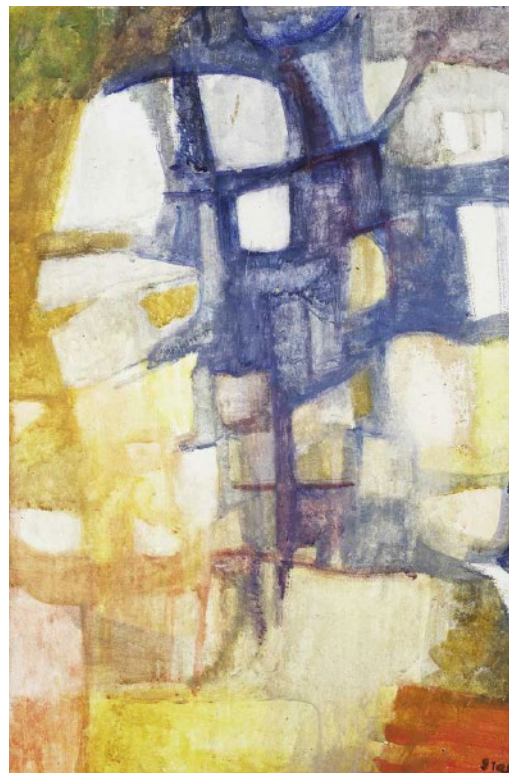
Sem título, 2001
Pastel sobre papel,
65x50 cm | GS32

Hansi Staël

Batizada como Ilona Hanna Emilie Lenard, Hansi Staël nasceu em Budapeste em 28 de Março de 1913. Em 1932, com apenas 18 anos, formou-se no Kunstgewerbeschule em Budapeste, para além de estudar na Universidade de Viena, onde obteve o diploma de intérprete em Húngaro Alemão-Inglês.

Até 1938, ano em que se casou com o sueco Barão Didrik Stael von Holstein, viveu um período em que sempre desenhou e pintou, ao mesmo tempo que trabalhava na Agência de viagens da família. Logo depois de se casar, foi viver para a Suécia, antes mesmo do início da guerra, onde realizou várias encomendas de desenhos para têxteis e joalharia para a conhecida empresa de decoração de interiores Svensk Tenn.

Foi em 1946 que a família se mudou para Portugal. Aconselhada pelo arquiteto Leonardo Castro Freire, especializou-se em cerâmica e em 1950 começou a trabalhar na Secla, nas Caldas da Rainha. Pouco tempo depois, passou a diretora artística. Nesse período, inovou na produção da fábrica, introduzindo novos desenhos. Apesar de trabalhar na Secla, Hansi dividia o seu tempo entre as Caldas da Rainha e Lisboa. Na capital pintava e fazia experiências com outros materiais. Até à sua morte em 1961, produziu uma vasta obra artística que passou pela pintura e cerâmica e também pela litografia e gravura.



Vista das traseiras, circa 1950
Têmpera sobre aglomerado de madeira, 65x45 cm | HS01

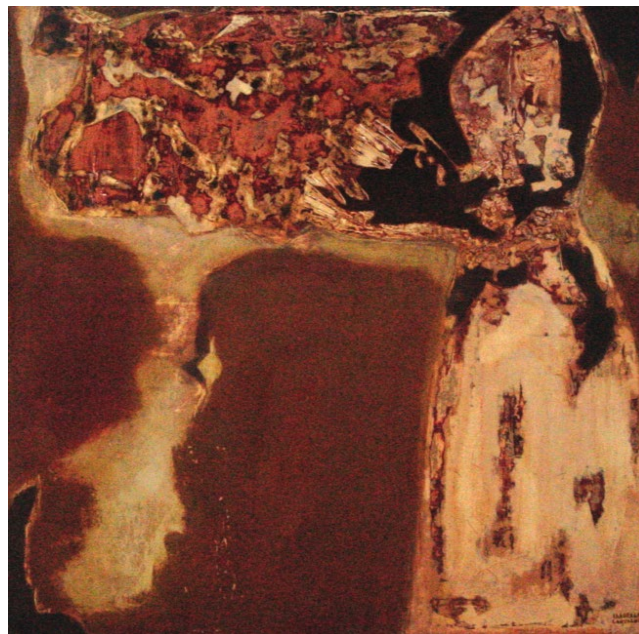
Isabella Carvalho

Nascida em 1964, no Rio de Janeiro, Brasil, Isabella Carvalho frequentou vários cursos de desenho, história de arte, manufatura de azulejo e pintura em tecidos. Em França fez formação em estampa de tecidos, frequentando o atelier ADAC – “Atelier d’Expression Culturelle”, Paris.

Em 1993 expõe na Maison de la Radio, em Paris. Desde então participou em dezenas de mostras coletivas. Destacam-se as exposições no Banco do Brasil, em São Paulo, em 1995, e, em 1999, na Galeria Solange Cazzaro, em Campinas.

No período de três anos em que viveu em Portugal, expôs no “Mac”- Movimento Arte Contemporânea, em Lisboa, em 2001. Iniciou a sua colaboração com a Perve Galeria em 2002, participando na exposição coletiva “Sulcos (roxos) do olhar”, a que se seguiria a participação na mostra “5+2=3” e, posteriormente, na feira Arte Estoril. Em 2003 quatro obras suas são incorporadas na Coleção Lusofonias e, em 2004, expôs individualmente na Prefeitura Municipal de São José dos Campos, São Paulo. Esteve representada pela Perve Galeria na Arte Lisboa 2005 – Feira de Arte Contemporânea de Lisboa e na exposição do 5º Aniversário desta Galeria.

Isabella Carvalho regressou ao Brasil em 2004, tendo montado na cidade de São José dos Campos, ateliê e Galeria de Arte com o seu nome, onde realiza exposições e desenvolve o intercâmbio de arte Contemporânea Ibérica e Francesa. Em 2015, Isabella Carvalho abriu o 2º ateliê-galeria, desta feita dedicado ao têxtil, na cidade de São Paulo.



Santa de Roca II, 2000
Óleo sobre tela, 80x80 cm | IC05

Manuela Jardim

Manuela Jardim nasceu em Bolama, na Guiné. É licenciada em escultura pela Universidade de Belas Artes de Lisboa, em 1975. Frequentou os cursos de gravura, têxteis e decoração da Fundação Ricardo Espírito Santo e serigrafia no Institut National D'Education Populaire de Paris. De 1984 a 1989 exerceu funções de técnica de artes plásticas no FAOI, sendo autora de vários cartazes de divulgação cultural daquele organismo. Integrou a equipa de representação de Portugal na Bienal dos Artistas dos países do Mediterrâneo, na Grécia em 1986 e na França em 1990.

É autora de dois selos e um bloco filatélico comemorativo da visita de sua santidade o Papa João Paulo II à Guiné em 1990. É autora da serigrafia comemorativa do Centenário do Aquário Vasco da Gama em 1998 e é também autora do quadro que serviu de divulgação ao Colóquio "Océan: archipel d'archipels" do Instituto Franco-Portugais em 1999.

Nos anos de 2002/3 Manuela Jardim, artista plástica e professora, desenvolveu um estágio sabático no Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, tendo como motivação a colecção de panaria Caboverdeana e Guineense do Museu. Integra a equipa do serviço educativo do MNE desde 2008 no âmbito do protocolo de colaboração entre os Ministérios da Cultura e da Educação.



Reencontros XXV, 2004
Técnica mista sobre papel reciclado,
40X30 cm | MMJ44

Maria João Franco

Maria João Franco nasceu em Leiria em 1945. Com 15 anos começa a frequentar o Círculo de Artes Plásticas em Coimbra, de onde parte para o Curso de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde tem como professores o Pintor Gil Teixeira Lopes e o Escultor Soares Branco.

Dois anos depois parte para o Porto onde frequenta Arquitectura na ESBA, mas o convívio com os colegas das Artes Plásticas, fazem-na retomar de novo o gosto pela Pintura, aproximando-a também do Pintor Nelson Dias, futuro marido.

Em sequência da morte de seu irmão Miguel regressa a Leiria, só mais tarde retoma os estudos novamente em Lisboa.

Do pai, Miguel Franco, herda o gosto por um mundo mágico. Homem de teatro, Miguel Franco é reconhecidamente um dos dramaturgos mais importantes da década de 70 em Portugal, pelo enfoque histórico da sua obra que se confronta com o então espírito do “regime”.

Uma forte ligação triangular “Miguel Franco – Maria João Franco – Nelson Dias” desencadeia no espírito ainda jovem de Maria João um sentido de busca, de procura e de pesquisa que prevalece ainda no seu percurso.

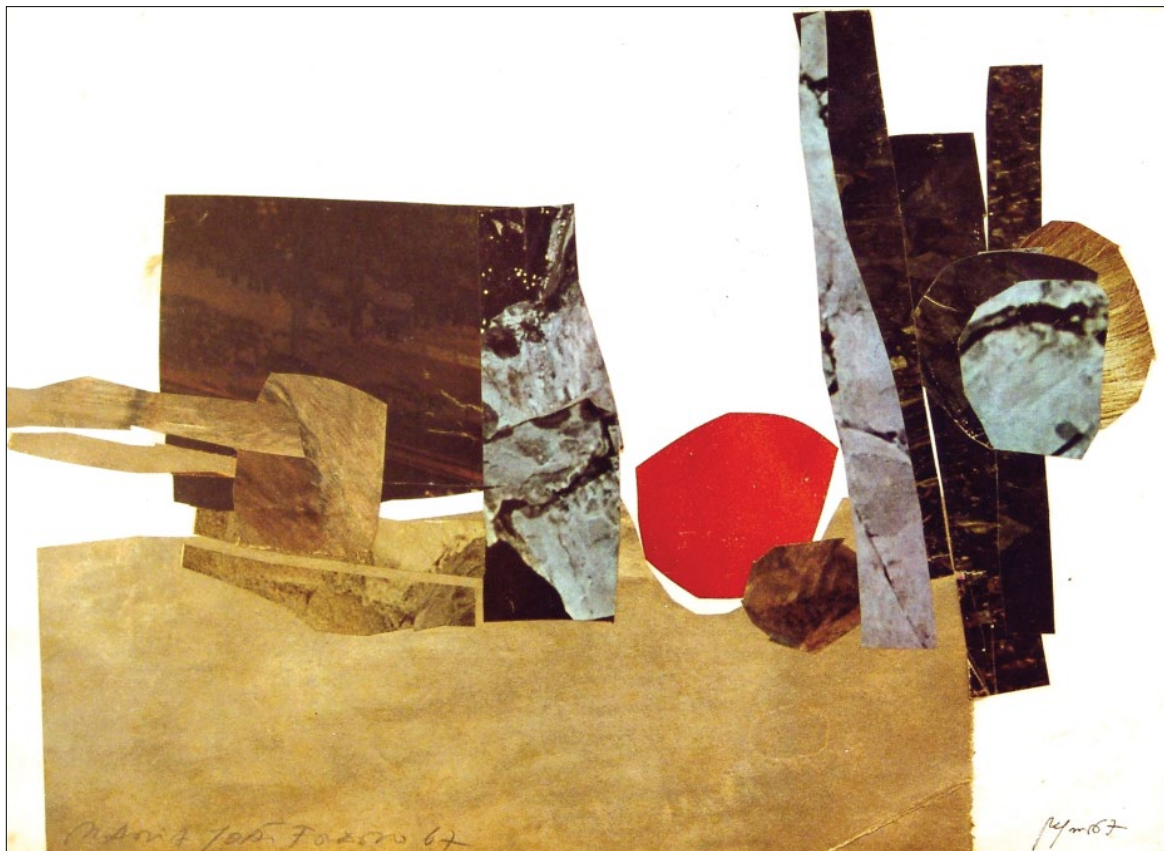
Fortemente marcada pelo “Expressionismo Abstracto”, Maria João Franco começa a expor com 23 anos, seguindo na senda de Nelson Dias a tendência expressionista quer na abstracção, quer na sua passagem para a figuração.

Sentindo como fortes expoentes da Pintura Portuguesa, Rocha de Sousa, Gil Teixeira Lopes, Luís Dourdil, Júlio Pomar ou Resende, bebe neles a influência que tem em mira o extravasar de uma pintura de emoções contidas num expressionismo lírico de uma sensualidade quase “aquática” ou meramente fluida.

Ao longo da carreira tem desenvolvido inúmeros projectos pictóricos, sendo prestigiada com diversas distinções, e recentemente (2007) condecorada com a medalha “Mérito-Cultura” e com a Comenda da Associação dos Artistas Plásticos Brasileiros.



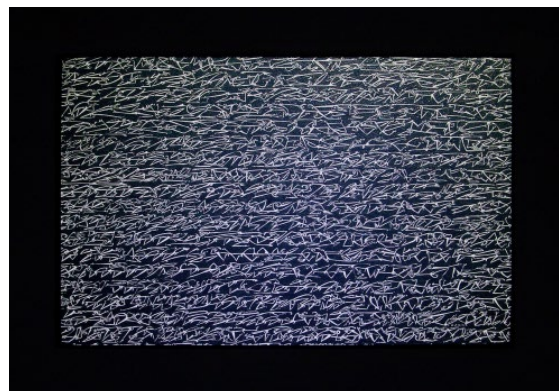
Sem título, 1967
Gouache sobre papel, 29,7x21 cm | MJF7



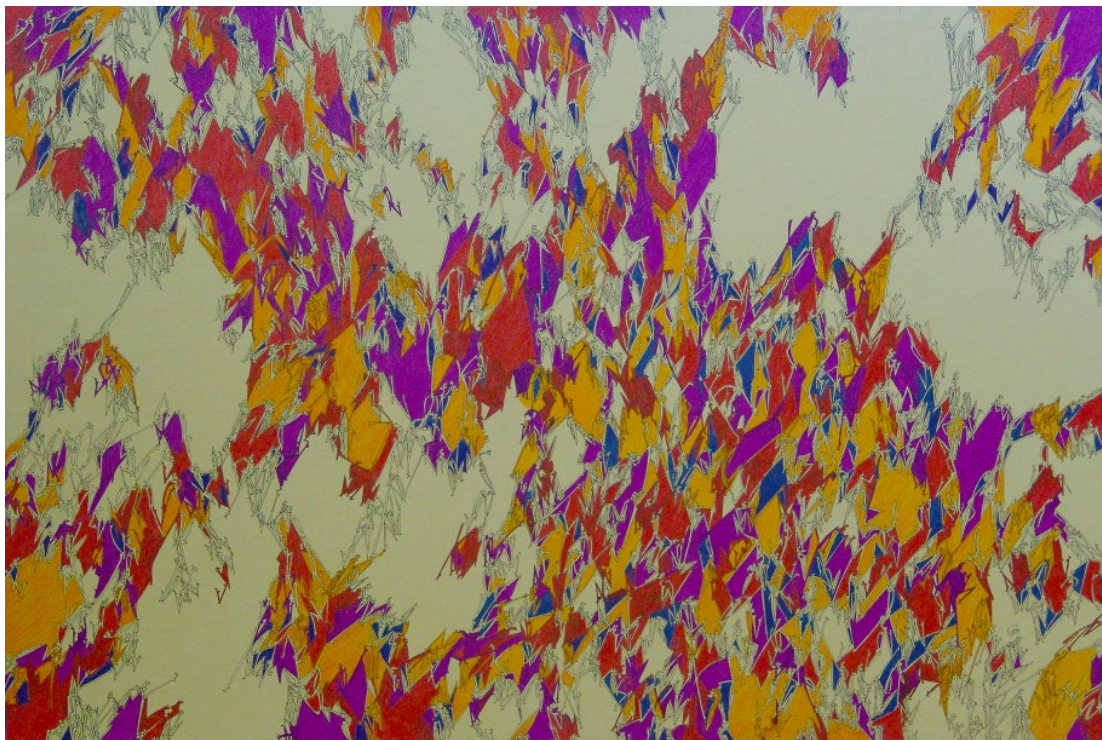
Natureza Morta, 1967
Colagem sobre papel, 29,5 x 21,5cm | MJF5

Raquel Rocha

Nasceu no Porto, 1976. Concluiu o Curso de Desenho em 1998 na Escola Superior Artística do Porto. Colaborou na ilustração do livro “Histórias da Ajudaris”, 2012 e 2013. Pontualmente faz Arteterapia em diversas IPSS. Publicada na revista OJós com um estudo sobre a Arte Erótica. Algumas das exposições colectivas em que participou: 2016 - “A Arte Portuguesa no Feminino”, Galeria Arte Imagen, Corunha; “Livro de Artista”, Museu de Arte da Bahia, Brasil; “Linhas de Encontro”, Museu de Ovar, Ovar; “Harmonia Iluminada”, Fundação Narciso Ferreira, Riba de Ave; “A Saudade na Geografia Feminina”, Galeria Fernando Pessoa – Palácio da Independência, Lisboa. 2015 - O Libertino, Fundação Dionísio Pinheiro, Águeda; Mulheres Escravas e Deusas, Porto, Felgueiras, Mangualde e Lisboa; Multiplicidades, C. Cultura e Congressos da Ordem dos Médicos, Porto. 2014 – Luz, Galeria EspaçoMar, Madeira; Arte - Assistência. 15 artistas para AMI(gos), Mupies, Lisboa; XVI Contemporâneos, Museu Municipal de Espinho; (Con)Tributos da Liberdade a Joan Miró, Porto e Lisboa; 14º Aniversário da Galeria Perve, Lisboa; India ArtFair, Nova Deli. 2013 - Arte e Eros “O Lugar do Erotismo na Arte”, Fábrica Braço de Prata, Lisboa; 2ª Bienal Internacional Mulheres d’ Artes, Museu Municipal de Espinho. Algumas das exposições individuais que realizou: 2014 - Fundação Escultor José Rodrigues, Porto; Galeria Artelmagen, Corunha. 2012 - Galeria da UNICEPE, Porto. 2011 - Galeria de Arte da PT, Porto. 2009 - Mestre’s Sex Shop, Porto. 2004 - Galeria Casa de Eros, Porto, ANJE, Porto. Em 2016 realizou, em conjunto com José Rodrigues, na Fundação homónima, a exposição “Celebração”, que se tornaria itinerante e de homenagem ao escultor, entretanto falecido. Está representada em colecções públicas e privadas, nacionais e internacionais, entre as quais a do Museu Americano de Arte Erótica.



Some body to love, 2013
Técnica mista sobre papel, 18x27 cm| RQR15



Sem Título, 2013
Técnica mista sobre papel, 31x45 cm | RQR14

Núcleo Popular



Rosa Ramalho - Sem Título, n.d.
Cerâmica Pintada | 11,5x17 cm | RR21

Júlia Ramalho

Júlia Ramalho, reconhecida artesã do figurado de Barcelos, é hoje uma referência do artesanato, em Portugal e no estrangeiro.

Neta da conceituada Rosa Ramalho, cresceu num ambiente artístico povoado de criações e mitos regionais que começou a traduzir cedo nas suas obras, nas quais se reflectem a sua visão metafórica e hiperbólica do que a rodeia, ajudada por uma personalidade bem marcante.

Modeladas em barro branco (faiança), as suas peças têm habitualmente um acabamento vidrado de cor castanho/mel, técnica característica do seu trabalho.

Com uma experiência e mestria invejáveis desta técnica de modelação cerâmica, a unicidade da sua obra resulta também da temática de que se reveste: um imaginário quase libertador, que conjuga crenças e os seus próprios sonhos, o religioso e o profano.

Esta forma de arte em cerâmica é das mais conhecidas do país e representantes do imaginário popular. Barcelos é, assim, palco de personagens em barro que representam quer facetas do quotidiano quer rostos religiosos.

No entanto, o valor deste figurado, que o torna único, será provavelmente a capacidade de modelar uma realidade que se converte na própria percepção criativa dos autores.



Sem título (Medusa), 2009
Cerâmica vidrada, 26x17x20 cm | JRM02

Rosa Ramalho

Rosa Ramalho nasceu a 14 de Agosto de 1888, na freguesia de São Martinho de Galegos (concelho de Barcelos). Filha de um sapateiro e de uma tecedeira, casou-se aos 18 anos com um moleiro e teve sete filhos. Aprendeu a trabalhar o barro desde muito nova, mas interrompeu a actividade durante cerca de 50 anos para cuidar da família. Só após a morte do marido, e já com 68 anos de idade, retomou o trabalho com o barro e começou a criar as figuras que a tornaram famosa. As suas peças simultaneamente dramáticas e fantasistas, denotadoras de uma imaginação prodigiosa, distinguiram-na de outros barristas e oleiros e proporcionaram-lhe uma fama que ultrapassou fronteiras.

Foi ao pintor António Quadros que se deveu a descoberta de Rosa Ramalho pela crítica artística e a sua divulgação nos meios “cultos”.

Em 1968 recebeu a medalha “As Artes ao Serviço da Nação”. Nesse ano foi apresentada na Feira de Artesanato de Cascais e os seus trabalhos passaram a ser procurados por milhares de portugueses e estrangeiros.

Foi enterrada em 25 de Setembro de 1977 no pequeno cemitério de S. Martinho. A população de Barcelos dirigiu, logo na altura, uma proposta ao governo no sentido de transformar o barracão e o telheiro num museu de cerâmica com o nome da barrista.

Foi a primeira barrista a ser conhecida individualmente pelo próprio nome e teve o reconhecimento, entre outros, da Presidência da República, que em 9 de Abril de 1981, a título póstumo, lhe atribuiu o grau de Dama da Ordem de Sant'Iago da Espada.



Sem título, n.d.
Cerâmica vidrada a amarelo,
19,2X8x8 cm | RR15



Sem Título (Leão - Paliteiro), n. d.
Cerâmica Pintada 13x5x14 cm | RR13



Sem Título (Caneca), n. d.
Cerâmica vidrada, 11 x 11 cm | RR17

Núcleo Naïf



Teresa Pacheco - Sem Título, 2014
Peça Única - Prato Cerâmico. Pasta refractária, pintura a óxidos,
corantes e vidrado transparente., 37 cm (diâmetro) | TRP002

Márcia Matonse

Nasceu em 1967, Moçambique. Vive e trabalha em Maputo onde também é professora na Escola de Artes Visuais.

Artista plástica autodidata, a sua obra inicia-se na década de 80, coincidindo com a altura em que surgem em Moçambique as primeiras experiências com a criação de obras cujo carácter híbrido, resultante de combinações de linguagens e de temas populares com técnicas e linguagens europeias e ocidentais, produzem obras sincréticas, de uma forma geral, nas áreas da pintura e escultura. A sua obra insere-se na linha da tradição da cultura popular local, fortemente ligada a uma estética com rituais seculares.

Desde 1996 que podemos ver a obra de Márcia Matonse em exposições coletivas. Participou das mostras organizadas pelo Núcleo de Artes de Maputo (1998-99) e esteve presente na Bienal TDM, também em Maputo (1999).

Com a Perve Galeria expôs pela primeira vez em Portugal, na exposição inaugural da galeria “Olhos do Mundo” (2000) e volta a apresentar trabalhos nas exposições “Maninguentemente Ser” (2001), “Sulcos (roxos) do Olhar” (2002) e na “Arte Lisboa - Feira de Arte Contemporânea” (2004). Integrrou a exposição “Mais a Sul” - Artistas de África da Coleção do Banco Caixa Geral de Depósitos (Culturgest) em Lisboa e Porto, estando representada na coleção de artistas africanos desta instituição bancária.

A sua obra está também integrada na Coleção Lusofonias, tendo sido apresentada no âmbito das exposições realizadas em torno da dita coleção, em Lisboa (2009) e na Galeria Nacional de Arte, em Dakar (2010).



Sem título, 2003

Acrílica sobre tela, 90x70 cm | MM05

Marika Raake

Expôs as suas obras em Portugal, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, França e Itália ao longo de mais de trinta anos.

Marika conduz-nos através de caminhos fantásticos, despertando imagens esquecidas, na ânsia por uma infância por onde passam contos de fadas ou nos podemos perder numa qualquer paisagem natural paradisíaca. Histórias engraçadas pintadas em cores vivas, são as imagens de Marika. Marika classifica seu trabalho como “poético-surrealista”. Gatos, peixes, corujas e outros animais habitam suas pinturas a óleo, ao lado de homens de olhos grandes ou seres peculiares que saltaram de fábulas e representam fantasia, medos ou alegrias da pintora. “Os animais e as plantas são muito importantes para mim, o meu maior desejo é encontrar um relacionamento mais saudável com eles”.

Marika nasceu em 1942, em Wilhelmshaven, na Alemanha, trabalhando inicialmente na profissão que estudou, educadora de infância. Segue-se estadias na Suíça, França, Brasil e Portugal. Em 1964, Marika fixa residência em Berlim, onde tem os primeiros contatos com a cena artística, realizando nessa altura algumas exposições em Kreuzberg. Em 1979, junto com a sua filha, tornou-se figura central do filme documental “Marika und Caterina”, transmitido no canal de televisão ZDF. Nos anos seguintes faz exposições de pinturas, colagens e objetos na Alemanha, Portugal, Espanha, EUA, França, Inglaterra e Itália. Em 1990, é publicado o seu primeiro livro infantil “Die Schnecke Luise” (Künstlerhaus Bethanien), a que se seguiriam vários outros. Entre 1998 e 2008, fixa-se em Tavira (Portugal), realizando vários projetos e exposições. Depois de passar uma década a viver em Portugal perto do mar, regressou à sua cidade natal, Berlim, na Primavera de 2008. Nesse ano, edita o seu segundo livro para crianças: “Nightingales nerves nuns in the night”.

A Perve Galeria estabeleceu contacto com a artista nos últimos anos da sua permanência em Portugal, passando a deter um conjunto significativo de obras suas que foram sendo apresentadas, ao longo dos anos, em mostras colectivas onde o seu trabalho foi amplamente elogiado.



Casamento, 2005

Acrílica sobre tela, 70x50 cm | MKR30



Medo, 2001
Acrílica sobre madeira, 50x75 cm | MKR25

Núcleo Ilustração

Glenda Sburelin - Sweet Home, 2008
Escultura em grés pintado,
48x20x20 cm | GDS14



Glenda Sburelin

Nasceu em Pordenone, Itália, em 1972. É ilustradora de livros infantis, a par com o trabalho plástico que realiza em obras sobre tela, cerâmica, papier-mâché e outros materiais. Publicou mais de quarenta livros, em várias editoras italianas e internacionais. Participou em dezenas de exposições de ilustração, tanto em Itália como no estrangeiro, tais como a Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, Ilustrarte 3 e Ilustrarte 4 em Portugal; As imagens da Imaginação, Feira Internacional ilustração de Sarmede. Tendo sido reconhecida como uma das melhores ilustradoras na Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, Glenda foi também reconhecida entre os 12 melhores ilustradores na 8ª IBBY Regional Conference da Northwestern University de Chicago (2009).

Expôs os seus trabalhos em duas exposições na China: In Fingers, Extra Space (Parque criativo para o festival do brinquedo de Taipei) e Imaginary Fairy Wonderland - dpi Exhibition International Group (Kaohsiung).

Em 2010, o Centro de Iniciativas Culturais de Pordenone convidou a autora para uma exposição dedicada à ilustração para crianças “Caminhos Ilustrados” e em 2012 a Fundação Concordia 7 do Centro Cultural Casa A. Zanussi, em Pordenone, insere as suas obras na coleção Concordia 7. Participou, ao longo dos anos, numa extensa série de exposições colectivas e individuais de arte contemporânea em vários países, entre os quais Portugal, através da Perve Galeria.



Glenda Sburelin - Low Tide / Bassamarea, 2008
Técnica mista sobre tela, 120x80 cm | GDS13

Joanna Concejo

Nasceu em 1971 em Slupsk, na Polónia. Licenciou-se em 1998, na Academia de Belas Artes de Poznan. Em 1994 mudou-se para Paris, França, onde vive e trabalha.

No final da década de oitenta começou a trabalhar como ilustradora e artista plástica.

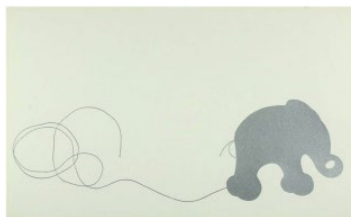
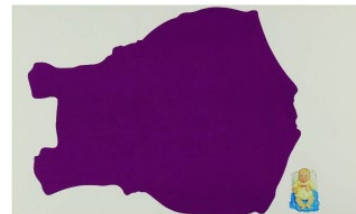
Em 2000, o trabalho de Joanna foi selecionado para o Salon de Jeune Création, em França, em 2002 o seu trabalho foi mostrado na Bienal de Arte Contemporânea em Busan (Coreia do Sul) e no ano seguinte no Salon d'Art Contemporain de Chelles (França). Joanna Concejo participou, nos últimos 20 anos, em dezenas de exposições individuais e coletivas em Paris, Berlim, Portugal, Espanha, Polónia, Coreia do Sul, entre outros. Em 2004, foi selecionada para a Exposição de Ilustradores da Feira do Livro de Crianças em Bolonha e em 2005 ganhou o Prémio Calabria Incantata "Abracalabria", em Aiamonte (Itália). O seu trabalho também foi selecionado para a Bienal de Ilustração "Illustrarte" Barreiro (Portugal) em 2005, 2009 e 2013. Joanna Concejo trabalha também em escultura e cerâmica e, desde 2010, colabora regularmente com Le Petit Atelier, em Paris.

A Perve Galeria começou a expor o seu trabalho a partir de 2009, altura em que realizou a exposição "Fata | Le Chien", em colaboração com o ceramista português Ricardo Casimiro.

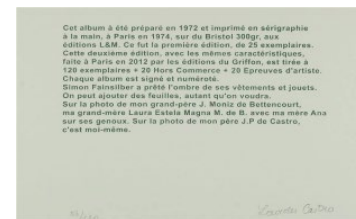
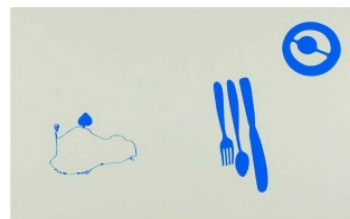


Joanna Concejo - La lune aimerait bien être une autruche
grafite s/papel, 29,5x20,5 cm, 2008 | JCJ41

Núcleo de Múltiplos de Arte



Lourdes Castro, "Les Ombres" (Berlim: Rainer Verlag, 1978-79), 14 serigrafias, assinadas e numeradas, nº 40/48, 31x41 cm. Com reprodução de poema de Johann V. Goethe. Acondicionada em pasta própria.



Jacqueline Aronis

Doutora em Artes - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA USP.

Curso de Especialização em Gravura no Programa de Pós Graduação da Slade School of Fine Art, University College London, UCL.

Exposições individuais

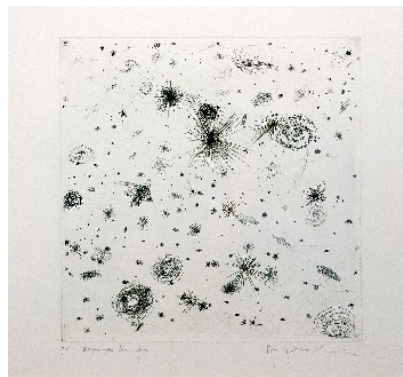
Gravuras, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, Paraná, 1994. Axis Mvndi, Valu Oria Galeria de Arte, São Paulo, 1996. Do Firmamento, Valu Oria Galeria de Arte, São Paulo, 1999. Gravuras, Gravura Brasileira, São Paulo, 2001. Tempo/Espaço Cordial, Gravuras - Centro Universitário Maria Antônia, São Paulo, 2002. Gravuras, Graphik, Galeria de Arte da Embaixada do Brasil em Berlim, Alemanha, 2003. Grafische Arbeiten, Kunstverein Ludwigshafen, Alemanha, 2003. Monotipia, Gravura Brasileira, São Paulo, 2004. Graphik, Museum Théo Kerg. Schriesheim, Alemanha, 2008. Matéria gráfica : ideia e imagem, Galeria Graphias, São Paulo, 2009.

Obras em acervos

Instituto Itaú Cultural São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo; Museu da Gravura Cidade de Curitiba, Paraná; Portland Art Museum, Oregon, U.S.A.; Sapporo International Print Biennale, Japão; National Centre of Fine Art, Giza, Egito. Museu Nacional de Belas Artes de Havana, Cuba. Fundacion CIEC, Coruña, Espanha.



Vestigio e Sinal, 1998
Gravura (Metal) - PA, 28x37 cm | JAS01



Espaço e tempo, 2002
Gravura (Metal) - PA, 37x57 cm | JAS02

Lourdes Castro

Artista plástica portuguesa, nasceu a 9 de dezembro de 1930, no Funchal, ilha da Madeira. Frequentou o curso de Pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa (1950-1956). Radicada em Paris desde 1958, regressou à ilha da Madeira em 1983, onde reside. Entre 1958 e 1962, juntamente com René Bertholo, foi fundadora do grupo KWY, a que se associaram Christo, Jan Voss, João Vieira, José Escada, Gonçalves Duarte e Costa Pinheiro. No princípio da década de 1960 coleciona objetos quotidianos em assemblages, cobertos de cor prata, para, em seguida, passar a registar apenas a sua sombra. Publica, com Benjamin Patterson, *Prints and Comments* (1962). A partir de 1963 Lourdes de Castro começa a introduzir a cor no seu trabalho: uma cor uniforme - o vermelho, o azul ou o verde, por exemplo. Estas pesquisas sobre sombras e contornos entendem-se progressivamente da serigrafia à tela e do plexiglas ao pano, evoluindo as iniciais formas recortadas e pintadas para “sombras deitadas” que culminam nas “sombras em movimento” ou teatro de sombras (1973). Tem participado em numerosas exposições internacionais de pintura, de livros de artista e de Mail Art e apresentado espetáculos de sombras, com Manuel Zimbro, em diversas cidades europeias. Algumas exposições individuais: Baden-Baden, Staatliche Kunsthalle (1966), Indica Gallery, London (1967), Moderna Galerija, Ljubljana, Akademie der Künste (1971) (com René Bertholo). Exposições coletivas (seleção): 5. a Bienal de São Paulo (1959 e 1985); Grupo KWY, Universidade de Saarbrücken, Alemanha; SNBA, Lisboa (1960); 1. a Bienal de Paris (1961), Diálogo, Fundação Calouste Gulbenkian, CAM, Lisboa (1985), *Vraiment faux*, Fondation Cartier, Paris (1988). Retrospectiva na Fundação Calouste Gulbenkian em 1992. Representou Portugal, juntamente com Francisco Tropa, na Bienal de São Paulo em 1998.



Lourdes Castro - Sem título (personagem de perfil)
Rodhoid, numerado e assinado, nº 164/190, 50x52cm | LCI

Maria Helena Vieira da Silva

Pintora, gravadora, desenhista, ilustradora e escultora. Estuda desenho, dos 11 aos 19 anos, com Emília Santos Braga e pintura com Armando Lucena, além de frequentar cursos de anatomia da Escola de Medicina de Lisboa e aprender música em casa. Em 1928, muda-se para Paris. Prossegue os estudos de desenho na Académie de La Grande Chaumière e de escultura com Bourdelle e, na Academia Escandinava, com Despiau. Abandona a escultura e passa a dedicar-se à pintura e à gravura, tendo estudado com Dufresne, Waroquier, Friesz, Fernand Léger (1881 - 1955), Bissière e Hayter. Em 1930, casa-se com o pintor húngaro Arpad Szenes (1897 - 1985). Em 1933, faz ilustrações para um livro infantil e as apresenta em sua primeira individual. Em 1939, a artista deixa Paris e volta à Lisboa devido a 2ª Guerra Mundial, confiando suas obras e ateliê à galerista Jeanne Bucher. No ano seguinte, parte para o Brasil e instala-se, inicialmente, no Hotel Internacional, no Rio de Janeiro, onde convive com outros artistas europeus que se exilaram no país. Conhece os poetas Murilo Mendes (1901 - 1975) e Cecília Meireles (1901 - 1964) e o pintor Carlos Scliar (1920 - 2001). No mesmo ano, Vieira e Arpad fazem, para a Escola Nacional de Agronomia, painéis de azulejos e retratos de cientistas, nomeando esse conjunto de Quilômetro 44, referência ao endereço da Escola. Em 1947, retorna a Paris, onde realiza muitas exposições. Em 1949, Pierre Descargues publica a primeira monografia sobre a artista e, em 1954, o crítico Guy Weelen passa a organizar e divulgar a sua obra e a de seu marido, tendo escrito uma série de estudos e organizado diversas exposições. Naturaliza-se francesa em 1956. Em 1963, realiza em Reims, França, seu primeiro vitral, no Ateliê Jacques Simon. Em 1968, inicia com Charles Marq uma série de vitrais para a Igreja Saint-Jacques, concluídos apenas em 1976. Recebe diversos prêmios e títulos e torna-se membro de associações artísticas como a Académie des Sciences, des Arts et des Lettres de Paris e a Royal Academy of Art de Londres. No Brasil, recebe prêmios na 2ª e 6ª Bienais Internacionais de São Paulo. Em 1990 é fundada em Lisboa a Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva.



Broadway, 1973,
Litografia 233/300, 68x42 cm

Saete Mulin

Nasceu em Santos, São Paulo, Brasil, em 1954. É gravadora e pintora.

Em São Paulo, forma-se em artes plásticas pela Faap, em 1980. Em 1986, faz pós-graduação em desenho em Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, com Carlos Fajardo. Em 1998, conclui o mestrado no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Em paralelo à produção artística, leciona gravura na Faculdade Santa Marcelina.

Exposições Individuais

1984 - São Paulo SP - Individual, na Galeria Cinearte Um; 1984 - Ribeirão Preto SP - Individual, na Casa de Cultura de Ribeirão Preto; 1984 - São Paulo SP - Individual, na Galeria de Arte do Sesi; 1985 - São Paulo SP - Individual, na Galeria Cinearte Um; 1987 - São Paulo SP - Individual, na Galeria Cinearte Um; 1989 - São Paulo SP - Individual, no Espaço Cultural Chap Chap; 1991 - São Paulo SP - Individual, na Itaugaleria; 1991 - Goiânia GO - Individual, na Itaugaleria; 1998 - São Paulo SP - Imagem ou Memória, no Banco Central do Brasil.



Sem Título - Espaço e tempo, 1999
Gravura (Metal) - Prova Única, 130x200 cm | SMN01

Salette Tavares

Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Lisboa (1948), prosseguindo posteriormente estudos nas áreas da estética, linguagem e teoria da arte em França e Itália, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Paralelamente dedicouse à poesia, publicando o seu primeiro livro em 1957, *Espelho Cego*. A sua formação académica e a prática poética vão interligar-se na pesquisa e teorização sobre a poesia visual, que se manifesta, deste modo, em dois campos, o do texto e o da forma. Em 1964, publica *Caderno de Poesia Experimental*. Desenvolve o jogo e subversão das regras da sintaxe, que gera novas palavras a partir de outras palavras ou da sua fragmentação. A expressão visual destes trabalhos é, para a artista, fundamental para a sua concretização no plano estético, na medida que considera que a comunicação estética é sempre feita através da percepção. O seu trabalho é, por isso, ancorado num posicionamento teórico ligado à psicologia das formas, evidenciado também nas aulas de Estética que leciona na Sociedade Nacional de Belas-Artes e nos artigos que publica da revista *Brotéria*. A sua obra foi divulgada em várias publicações editadas ainda em vida da autora ou postumamente. Em 1979 a Galeria Quadrum organizou uma retrospectiva da sua poesia visual.



Quel Air Clair Éclaire l' Air..., n.d.
Poema visual - Prova nº 95/100, 40x40cm | ST04



Isabel Braga - Sem Título
Peça Única - Prato Cerâmico
pintura c/ engobes

e vidrado transparente
37cm (diâmetro), 2014 | ISB001

Ficha Técnica

Conceito e Curadoria / *Concept & Curator*

Carlos Cabral Nunes

Direção Executiva / *Management*

Nuno Espinho

Comunicação / *Communication*

Graca Rodrigues

Design Gráfico / *Graphic Design*

CCN & Nelson Chantre

Produção / *Production*

Colectivo Multimédia Perve

Impressão / *Print and Copyright*

Perve Global, Lda

Organização / *Organized by*

Perve Galeria

Fotografias de Arquivo - Direitos reservados

Stock Photo - All rights reserved

Perve Galeria

Rua das Escolas Gerais 17/19

Alfama, 1100-218 Lisboa

www.pervegaleria.eu

galeria@pervegaleria.eu

Horário: 2ª a sábado das 14h às 20h

tel. 218822607/8 - tm. 912521450

Transportes: Metro Stª Apolónia [Linha Azul]; Eléctrico 28

Estacionamento: Lgª Igreja S. Vicente de Fora; Lgª Feira da Ladra
(excepto 3ª ª e sábado)



Iniciativa
integrada no
3.º Encontro
de Arte
Global



apoio:
verde
alface



Isabel Meyrelles

Le bourgeois, 1971

Escultura Terracota (Ex-Colecção Cruzeiro Seixas),

19x12x8 cm | IM25

